



USP

ESALQ recebe visita do pró-reitor

Ao celebrar 100 mil títulos da pós-graduação, a USP (Universidade de São Paulo) propõe uma reflexão, tendo como perspectiva a formação de profissionais que atendam aos anseios da sociedade e às necessidades acadêmicas do futuro. Hoje, a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) realizará o evento comemorativo Sustentabilidade na Produção Animal e Vegetal. Em entrevista, o pró-reitor de pós-graduação da USP, Vahan Agopyan, fala de internacionalização e traça o perfil dos doutores do século 21.

Internacionalização da pós-graduação é um dos pilares da sua gestão?

A internacionalização é uma vocação da USP, que já começou internacionalizada. A partir de 1934, a USP trouxe um grupo de jovens pesquisadores do exterior para modificar a abordagem de ensino superior no Brasil. O importante é salientar que a internacionalização não é objetivo final e sim uma ferramenta para definir padrões de qualidade. Nós não investimos em ações que fomentam a internacionalização somente para firmarmos mais convênios, para termos referências internacionais de qualidade e a consequência disso é o aumento do intercâmbio de alunos e docentes. O que buscamos é a internacionalização como ferramenta para nos tornarmos competitivos.

Qual o significado da comemoração dos 100 mil títulos?

O número é simbólico, embora grandioso. Não conheço nenhuma outra instituição que tenha conferido tantos títulos de pós-graduação de pesquisa, porque no Brasil o mestre é um título de pesquisa e não somente de curso. No exterior temos faculdades de alto nível, mas que só outorgam doutores, aqui não. Ou seja, são 100 mil pesquisas. E aproveitamos essa data, esse número, para promovermos uma reflexão sobre o modelo de pós-graduação. No país, esse modelo já tem mais de 45 anos, mas será que ele é o ideal para o momento que estamos vivendo? Ele foi muito importante, revolucionou a educação brasileira, modificou a capacidade do Brasil fazer pesquisa, mas está na hora de refletirmos um pouco, será que esse modelo é válido?

O que poderia ser alterado nesse modelo de formação dos pós-graduandos da USP?

O doutor hoje, no século 21 tem um perfil diferente do século 20. Hoje o doutor tem que ser um líder. Não podemos mais fazer pesquisa atrás de uma bancada, sozinho ou com auxílio de um assistente. Hoje a pesquisa desenvolve-se em equipes, muitas vezes multidisciplinares. Portanto o doutor tem que demonstrar capacidade de comunicação muito grande, não basta só escrever paper. Tem que ter capacidade de coordenar equipes de trabalho, de trabalhar em equipe. Em suma trata-se de outro perfil de egresso que estamos procurando e muitos programas já atentaram para essa realidade, mas esse perfil novo, do doutor como um líder ainda não está formalizado e uniformizado dentro da academia brasileira.